

REVISTA

BRINCANÇAS

SETEMBRO 2026

Religar as crianças com a natureza

Experiências voltadas ao conhecimento, cuidado, respeito e preservação da biodiversidade

EMEIs EM AÇÃO!

Semeando territórios de conhecimentos e imaginação

EDUCAÇÃO Infantil & Ambiental

Reeducar desejos, reorganizar os cotidianos e construir modos mais sensíveis, sustentáveis e integrativos de existir

PREFCG

SEMED Secretaria Municipal de Educação
SUPED Superintendência de Políticas Educacionais
DEINF Divisão de Educação Infantil

ADRIANE BARBOSA NOGUEIRA LOPES
Prefeita de Campo Grande

CAMILLA NASCIMENTO DE OLIVEIRA
Vice-prefeita de Campo Grande

LUCAS HENRIQUE BITENCOURT DE SOUZA
Secretário Municipal de Educação

MARIA LÚCIA DE FÁTIMA DE OLIVEIRA
Secretária Adjunta Municipal de Educação

ANA CRISTINA CANTERO DORSA LIMA
Superintendente de Políticas Educacionais

LEUSA DE MELO SECCHI
Chefe da Divisão de Educação Infantil

REVISTA

BRINCA



ANA LUCIA DO ESPÍRITO SANTO
ANA LÚCIA GASPARINI
ANDRESSA FERREIRA GUIMARÃES BERNAL
APARECIDA COSTA DE MELLO SILVA
CAROLINA MACIEL DE LIMA MARTINEZ
CÁSSIA APARECIDA POMPEU MULLER
DANIELY RODRIGUES ARAUJO
IRMA ESPÍNDOLA DE CAMARGO
JÉSSICA DA COSTA BRITO
JOYCE ALMEIDA DE SENA CARVALHO
JULIANA PEREIRA DA SILVA
LARÊSSA CINTRA DE ALMEIDA
LAURA SIMONE MARIM PUERTA
MAIARA DE OLIVEIRA NOGUEIRA KLAVA
MÁRCIA SEBASTIANA XAVIER
PRISCILLA CASAL CANDIA
VANESSA BULDE DE OLIVEIRA
VANIA CRISTINA BREGANHOLI
VILAUTA TEODORA DA SILVA
WILCELENE PESSOA DOS ANJOS DOURADO MACHADO
Equipe Técnica da Divisão de Educação Infantil



O que o vento não levou

No fim tu hás de ver que
as coisas mais leves são as únicas
que o vento não conseguiu levar:
um estribilho antigo
um carinho no momento preciso
o folhear de um livro de poemas
o cheiro que tinha um dia o próprio vento...

Mario Quintana



CARTA AOS LEITORES

No poema "O que o vento não levou", Mario Quintana expressa o valor das pequenas memórias e das delicadezas da vida que resistem a todos e ao tempo. Assim, o grupo da Divisão de Educação Infantil (Deinf) - por meio da revista intitulada ***Brincanças*** - refresca nossa memória, registra nossa história de formação, apresenta os estudos realizados e nutre novas possibilidades por meio de práticas institucionais inspiradoras.

Ter acesso à natureza de forma prioritária é um direito fundamental de todas as crianças. Por isso, a Educação Ambiental e o desemparedamento foram, são e serão temas recorrentes nas formações das(os) professoras(es) que atuam na Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino (Reme). Iniciamos os estudos mais sistematicamente em 2024, mas a cada ano continuamos a revisitar temas, aprofundar discussões, materializar ações e avançar na criação de espaços naturais para a aprendizagem e o desenvolvimento infantil.

A proposta da revista **Brincanças: a natureza como espaço de investigação e expressão** é simples e artesanal. Genuinamente uma oferta delicada e dedicada a vocês, leitores, sobre o poder do estudo, da troca, do diálogo, das experiências imersivas e dos encontros para a construção de ações locais e de caminhos sustentáveis para proteger o planeta, a vida, o meio ambiente e os seres humanos.

Como expressou Raffi Cavoukian no documentário "O Começo da Vida" (2016): *"Se mudarmos o começo da história, mudamos a história toda"*. **Brincanças** não existia, teve que ser inventada pela Deinf, e saiu melhor que a encomenda. Ela é um convite para ler, pensar, apreciar, instigar e inspirar outras práticas possíveis e necessárias na Reme. Essa é a beleza da vida. Essa é a beleza da Educação Infantil.



A revista “Brincanças: a natureza como espaço de investigação e expressão” foi construída pela equipe técnica da Divisão de Educação Infantil (Deinf), junto à Superintendência de Políticas Educacionais (Suped) da Secretaria Municipal de Educação de Campo Grande/MS (SEMED-Campo Grande), como parte integrante das ações formativas voltadas às(aos) professoras(es) e também às(aos) coordenadoras(es) pedagógicas(os) que atuam com os Grupos 1, 2 e 3 das Escolas Municipais de Educação Infantil (EMEIs) da Rede Municipal de Ensino de Campo Grande/MS. A formação continuada em questão desencadeou-se a partir da temática “Educação Ambiental na Primeira Infância”, fundamentada na compreensão dos aspectos legais e conceituais que asseguram o direito das crianças à Educação Ambiental (EA).

A Educação Ambiental consolidou-se como um campo político e reflexivo a partir do final da década de 1970, em um contexto marcado pela intensificação dos impactos da industrialização e pelo agravamento das crises ecológicas globais. Esse processo foi impulsionado por amplas mobilizações sociais, culturais, econômicas e políticas em defesa da proteção ambiental, fortalecendo a compreensão de que a preservação do meio ambiente exige ações educativas permanentes e articuladas com as demandas socioambientais contemporâneas.

UM MEIO AMBIENTE ECOLOGICAMENTE EQUILIBRADO É DIREITO DE TODOS.

No Brasil, essas reivindicações encontraram respaldo normativo na Constituição Federal de 1988, especialmente no artigo 225, que reconhece o direito de todos a um meio ambiente ecologicamente equilibrado e atribui ao poder público e à coletividade o dever de protegê-lo para as presentes e futuras gerações (Brasil, 1988). Esse dispositivo tornou-se o fundamento constitucional das políticas de Educação Ambiental, cuja trajetória foi posteriormente fortalecida por diversos instrumentos normativos nacionais e internacionais voltados à promoção da sustentabilidade e do desenvolvimento de uma responsabilidade socioambiental.

Entre os marcos mais relevantes desse processo destaca-se a Lei Federal n.º 9.795/1999, que instituiu a **Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA)**. A legislação definiu a Educação Ambiental como "[...] os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade." (Brasil, 1999). Mais recentemente, a Lei Federal n.º 14.926/2024 atualizou a PNEA, incorporando temas como mudanças climáticas, proteção da biodiversidade, prevenção de desastres socioambientais e promoção de práticas sustentáveis, em resposta aos desafios impostos pela atual crise climática.

Como ressalta Tiriba (2006, p. 15), "a vida acontece num universo maior no Cosmo e na natureza", e, por isso, consideramos que nossas relações com a natureza nos constituem humanos. As crianças, neste sentido, são seres da natureza, e desde a primeira infância, é fundamental que estejam em ambientes que lhes proporcionem vivências capazes de fortalecer sua conexão com ela e favorecer a compreensão de que fazem parte do mundo natural. Assim, é imprescindível que vivam experiências, criem sentidos e construam saberes nos espaços abertos.

Ao reconhecer as crianças como agentes ativos na proteção da natureza, a escola contribui para a formação de uma consciência socioambiental baseada na cidadania global, nas mudanças climáticas e no desenvolvimento sustentável. Nesse processo, a Educação Ambiental fortalece valores de cuidado com o planeta e promove a compreensão da interdependência entre seres humanos e meio ambiente. Para isso, destacam-se práticas como a promoção de vivências cotidianas imersivas na natureza, desemparedadas (Tiriba, 2018), e a abertura de espaços para a curiosidade e o processo investigativo, nos quais o conhecimento científico, cultural e social emerge da pesquisa significativa e colaborativa das crianças.

"A GENTE DEVIA OUVIR A VOZ DESSA CRIANÇA QUE AINDA NÃO DESISTIU DO MUNDO E QUE É CAPAZ DE PROPOR OUTRA NARRATIVA PARA ELE"

AILTON KRENAK



BRINCANÇAS

O termo “brincança”, cunhado por Coutinho (2023), diz respeito às atividades realizadas em ambientes externos e em contato direto com a natureza, que promovem o livre brincar por meio da exploração de espaços como pátios, quintais, hortas, praias e demais territórios educativos. Enquanto atividade desemparedante, a brincança amplia as possibilidades de aprendizagem, imaginação, movimento e convivência, fortalecendo os vínculos afetivos com o meio ambiente e contribuindo para o desenvolvimento integral das crianças. Por sua potência, estabelecemos tal conceito como título desta revista e como prática fundamental da Educação Infantil.

Por meio das brincanças, as crianças interagem com diferentes componentes do ambiente, incluindo pequenos animais, como as formigas, e exploram materiais naturais na elaboração de brincadeiras simbólicas, como o preparo de “comidinhas” utilizando terra, água e folhas. Tais experiências evidenciam a inclinação espontânea das crianças para o contato direto com a natureza, revelando seu interesse em explorar, conhecer e se relacionar com o meio natural de forma sensorial e significativa (Duarte et al, 2024).

Esta, em sua primeira edição, é destinada a profissionais que atuam na Educação Infantil e está organizada em três seções. Na primeira seção, dialogamos sobre as diretrizes, as premissas e as proposições da Educação Ambiental na Educação Infantil. A segunda seção, por sua vez, expõe as vivências formativas realizadas nos dias 20, 21 e 22 de maio de 2026 com as coordenadoras(es) pedagógicas(os) e professoras(es) que atuam com os Grupos 1, 2 e 3 nas EMEIs da Reme Campo Grande/MS e a concretização dos “planos de ação” nas escolas de Educação Infantil da rede. Por fim, a seção três articula relatos feitos por diferentes sujeitos que compõem a educação municipal, regional e nacional ambiental, além de práticas sustentáveis em diferentes países do mundo.





PS: BOA LEITURA!



Seção 1

A NATUREZA EM TUDO





Painel "Mãe e Filhos (Suellem)" de Vik Muniz. Documentário "Lixo extraordinário". (2010)

EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Ao compreender as crianças como seres naturais e culturais - dimensões indissociáveis da evolução humana, a Educação Ambiental na Educação Infantil articula princípios da Ciência, da Arte, da Ética e, por consequência, da Vida.

Essa perspectiva proporciona vivências significativas que conectam a criança à natureza, à cultura e à sociedade, assumindo a educação como um "exercício do cuidado zeloso para com a vida, com o humano, com as relações inter-humanas, como rito de iniciação aos valores humanos primordiais" (Lima, 2020, p. 15).

Na ótica da formação humana integral, a Educação Ambiental deve compor o currículo da Educação Infantil como prática cotidiana. As vivências sensoriais, expressivas e corporais garantem a livre movimentação, a expressão da singularidade e o respeito aos ritmos e necessidades infantis. Além disso, essa articulação favorece o desenvolvimento da investigação, da sensibilidade estética, do cuidado, da participação democrática e do reconhecimento da interdependência entre todos os seres vivos.

As brincadeiras em espaços naturais mobilizam o corpo da criança em sua totalidade (Lima, 2020). A partir das interações e do brincar como eixos estruturantes do trabalho pedagógico (Brasil, 2009), a ocupação de ambientes externos com experiências significativas efetiva os direitos de conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se (Brasil, 2017).







Para Lima (2020, p. 61), a atividade humana "[...] é eminentemente social e a interação é uma condição básica no processo de aprendizagem e desenvolvimento das crianças". Por isso, o trabalho desenvolvido com a Educação Ambiental não deve consistir em um evento isolado, mas em ações contínuas do currículo, presentes nas relações estabelecidas pelas crianças com o corpo, os espaços, os tempos, as materialidades, os adultos, seus pares e demais seres vivos, os objetos e os territórios da escola em constante transformação.

Sendo assim, educar ambientalmente as crianças pequenas é reconhecê-las como pesquisadoras de seus próprios contextos de vida e possibilitar condições para que desenvolvam vínculos de pertencimento, responsabilidade e compromisso com a vida, visto que as questões ambientais estão relacionadas a fatores sociais, culturais, econômicos e éticos.

Portanto, reconhecer o espaço educativo como território de aprendizagens é compreender a escola como fonte permanente de investigação, de escuta, de documentação e produção de conhecimentos. Isto é, um território compreendido como um mapa de aprendizagens, em que possibilita que crianças e professores observem, registrem, fotografem, desenhem, narrem e interpretem as experiências e construam coletivamente os próximos percursos investigativos.

Como destaca Tiriba (2018), viver a infância em contato com a natureza amplia as possibilidades de brincar, imaginar, investigar, experimentar e construir relações de pertencimento ao mundo. A autora ainda destaca que "[...] a felicidade estaria na conexão de cada ser humano consigo mesmo, com outros seres e com a natureza [...] essa integração que possibilita o conhecimento e, simultaneamente, o contentamento de viver" (Tiriba, 2018, p. 191, grifo nosso).

Dito isto, almejamos uma escola que seja espaço de acolhimento e pertencimento, de liberdade, experimentação e criatividade – de brincanças.









CONSUMO, REAPROVEITAMENTO E ECONOMIA DO CUIDADO

A discussão sobre o consumo, o reaproveitamento e a economia do cuidado na Educação Infantil emerge da urgência de problematizar a cultura do consumismo e do lucro, que atravessa as vivências da Primeira Infância. Abordar essa temática exige deslocar a centralidade da aquisição e do descarte em direção a uma ética das relações entre pessoas, objetos, tempos e territórios. Como aponta Lima (2020, p. 27), os modos de o ser humano conviver com o meio natural "[...] passam por transformações profundas a partir da era industrial. Instala-se cada vez mais intensamente a busca desmedida por acumulação material e pelo crescimento tecnológico."

Sob essa perspectiva, consolidou-se uma lógica pautada no consumo acelerado e na substituição contínua de bens, dinâmica que intensifica a degradação ambiental e aprofunda as disparidades sociais. Os impactos disso refletem-se em números alarmantes de produção e descarte de resíduos.



Das 100 bilhões de peças de roupas produzidas anualmente no planeta, estima-se que 92 milhões de toneladas de resíduos têxteis acabem em aterros sanitários — o equivalente a um caminhão de lixo descartado por segundo.

No Brasil, cada indivíduo produz, em média, 1,05 kg de lixo por dia — uma marca que supera a média mundial de 0,74 kg diários por pessoa.

Essa expressiva geração de resíduos agrava-se ao encontrar infraestruturas precárias, em um cenário nacional onde cerca de 90 milhões de brasileiros ainda não têm acesso à coleta de esgoto, evidenciando que o descarte desmedido caminha lado a lado com a vulnerabilidade social e a contaminação ambiental.



Ao problematizar essa realidade, Léa Tiriba (2018), na obra "Educação Infantil como direito e alegria", reforça essa premissa ao advertir que o espaço escolar frequentemente perpetua uma visão utilitarista do planeta, apresentado às crianças como uma fonte inesgotável de recursos a serem extraídos. Desse modo, o debate sobre o consumo, o reaproveitamento e a economia do cuidado na infância configura-se como um campo de reflexão ético e político. Trata-se de reeducar desejos, reorganizar os cotidianos e construir modos mais sensíveis, sustentáveis e integrativos de existir.

Para fazer frente a essa lógica mercantil, a Educação Ambiental Crítica consolida-se como um referencial transformador ao integrar as dimensões socioculturais, políticas e econômicas à compreensão das relações entre sociedade e natureza. Nesse contexto, torna-se urgente ampliar as vivências que religam as crianças ao meio natural, reconhecendo que a sustentação da vida exige trabalho, atenção e manutenção contínua dos laços socioambientais. Essa perspectiva alinha-se diretamente ao Artigo 9º das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), que assegura como eixo das práticas pedagógicas as experiências voltadas ao conhecimento, cuidado, respeito e preservação da biodiversidade, assim como a sustentabilidade da vida na Terra e o não desperdício de recursos.

Compreende-se, portanto, que o cuidado vai além de uma simples ação técnica de manutenção; ele constitui um modo ético de habitarmos um planeta em constante transformação por nossas ações. Defende-se uma Educação Infantil ambiental fundada na ética do cuidado e no respeito à diversidade cultural e à biodiversidade (Tiriba, 2018). Tal abordagem exige transformar visões teóricas em hábitos cotidianos e em formas concretas de mitigar desperdícios, confrontando os modelos de produção pautados na descartabilidade.

A vivência na e com a natureza não deveria ser orientada pela utilidade imediata, mas pela escuta, pela experimentação e pela potência criativa. Nessa direção, o reaproveitamento deixa de ser um reuso funcional para se converter na atribuição de novos sentidos e na abertura para outras formas de relação com o mundo. Pensando em inspirar ações para materializar essa práxis no cotidiano das unidades escolares, apresenta-se a seguir algumas práticas retiradas e adaptadas da obra entitulada "Eco-Arte com crianças", de Anna Marie Holm (2017).

"Eco-arte com crianças é um registro de criações poéticas que contribuem para a preservação do planeta. Seis diretrizes, que poderiam ser consideradas um manifesto artístico, guiam a publicação. Para cada uma delas, uma série de experiências que conectam a infância à natureza, a arte à ciência, a ecologia ao cotidiano curioso e encantado. "



PARA INSPIRAR

Propostas retiradas e adaptadas do livro "ECO-ARTE COM CRIANÇAS" (Anna Marie Holm)



"Todas as vezes que trabalhamos com crianças e arte, para um melhor e mais ecológico modo de desenvolver as atividades, nós devemos necessariamente refletir sobre os seis [princípios] a seguir:

1) Nós construímos espaço para a brincadeira, para a poesia.
A pesquisa artística

2) Nós trabalhamos ao ar livre e utilizamos a energia da própria natureza.
O vento, o sol, a chuva como ferramentas no processo criativo

3) Nós utilizamos materiais usados
O descartado é renovado e utilizado novamente

4) Nós utilizamos materiais não convencionais.
A produção sustentável

5) Nós utilizamos aquilo que está bem ao nosso redor.
As muitas possibilidades do lugar, as relações físicas e sensoriais incluídas na interação entre as crianças, os adultos e aquilo que trouxemos conosco

6) Nós deixamos o local sem nenhum rastro de destruição.
A consciência entre o que é material e o que é lixo"



Garrafas Variadas: Uma coleção de garrafas preenchidas com diferentes elementos da natureza, como folhas, pedras, argila, galhos e outros materiais naturais que, com o tempo, se transformam lentamente. As crianças exploram pesos, texturas, sons e movimentos: rolam, transportam, empilham, observam e investigam. Cada garrafa se torna um convite à curiosidade, à pesquisa e à descoberta.

Carvão no Papelão: O carvão é um material expressivo que desperta a criatividade das crianças. Rapidamente elas descobrem suas possibilidades, criando desenhos com traços delicados em pequenas caixas de papelão e, aos poucos, experimentando linhas mais largas e intensas. Enquanto desenham, as caixas ganham novos significados: transformam-se em carros, barcos, vestidos e tantos outros objetos imaginados, inspirados pelas observações do céu e do ambiente ao redor.





Imagens Flutuantes: Hoje a chuva veio nos visitar. É o momento perfeito para espalhar pratos, garrafas e recipientes pelo gramado, recolher folhas, gravetos e flores e observar as composições que flutuam sobre a água. A experiência convida à investigação das formas, das cores e dos movimentos. Em seguida, as crianças podem experimentar pingar gotas de tinta sobre papel molhado, explorando uma técnica inspirada na antiga arte japonesa de pintura sobre água.

Pintura do Vento: Vocês já observaram do que o vento é capaz? Ao amarrar pincéis ou canetas em galhos, o movimento do ar conduz os traços sobre o papel, criando desenhos únicos e inesperados. O vento torna-se o artista, enquanto as crianças acompanham, experimentam e descobrem novas formas de expressão. Essa proposta é inspirada nas obras do artista japonês Rikou, conhecido por utilizar o vento como elemento criador em seus processos artísticos.





Caçadores de Sol: É possível capturar os raios do sol? Com um globo espelhado e caixotes espalhados pelo espaço, as crianças são convidadas a construir uma plataforma para se aproximar da luz. Afinal, se queremos alcançar o sol, precisamos subir um pouco mais alto! Utilizando pequenos pedaços de papel ou papelão presos a gravetos com fita adesiva, elas exploram os reflexos, as sombras e os feixes de luz, investigando como o sol se movimenta e transforma o ambiente ao longo do dia.

Lápis de Argila: A argila seca rapidamente, mas ganha nova vida quando entra em contato com a água. Disponibilize pequenos pedaços de argila seca e uma bacia com água para que as crianças possam umedecer o material e utilizá-lo como um verdadeiro "lápis de argila". Ao desenhar sobre diferentes superfícies, elas observam as transformações do material, pesquisam suas possibilidades e descobrem, por meio da experimentação, como a água modifica sua textura, consistência e capacidade de deixar marcas.



Seção 2

TERRITÓRIOS EM

TRANSFORM AÇÃO



Minha alegria reside em saber que você é eu
e que eu sou intensamente você.
Você sabe que seu frio resseca meus ossos
e que meu calor revigora suas veias.
Meu medo faz seus olhos tremerem
e sua fome empalidece minha boca.
Sem sua força para ser um fogo livre,
minha consciência estaria mais solitária
que a terra árida de um deserto.

René Depestre

FORMAÇÃO CONTINUADA

TERRITÓRIOS EM TRANSFORMAÇÃO: A NATUREZA E A EXPERIÊNCIA ESTÉTICA POR MEIO DAS MATERIALIDADES



Memória VIVA



O amor e o respeito por si, pelo outro e pelos demais seres da natureza além do humano, faz parte da consciência ambiental profunda e pode gerar uma mudança concreta no destino comum da humanidade e tornar possível nossa sobrevivência (Gutiérrez; Prado, 1999). Carvalho, Pedrosa e Rosseti-Ferreira (2012, p. 40) reforçam essa compreensão ao destacarem que a Terra, a vida e a história humana representam apenas uma pequena parte da contínua transformação do Universo. Por isso, é fundamental que crianças e adultos tenham oportunidades de vivenciar os ambientes externos e de estabelecer vínculos significativos com a natureza.





A partir dessas concepções, convidamos as(os) coordenadoras(es) e professoras(es) que atuam com os Grupos 1, 2 e 3 nas EMEIs da Reme de Campo Grande/MS à vivenciarem os ambientes externos do Parque das Nações Indígenas - importante parque urbano e turístico do município - em um momento de encontro, sensibilização e reconhecimento da relevância da natureza em nossos processos de desenvolvimento, aprendizagem e constituição humana.

Neste encontro formativo foram realizadas **seis vivências**, descritas a seguir, que contemplaram múltiplas linguagens e diferentes encaminhamentos, mas com um objetivo comum: sensibilizar para a importância do contato direto com a natureza.



Teatro de sombras





CAMPOS DE EXPERIÊNCIAS:

- O eu, o outro e o nós;
- Escuta, fala, escrita, pensamento e imaginação;
- Corpo, gestos e movimentos;
- Espaço, tempo, quantidades, relações e transformações.

SABERES E CONHECIMENTOS:

- Cultura do brincar, a imaginação e a relação com a natureza;
- Exploração de luz e sombra mediadas pelas experiências sensoriais e pela linguagem.

RECURSOS:

- Tecido branco, corda, objetos cênicos, obras literárias.

Essa proposta integrou literatura, natureza e linguagem visual. Brincar com teatro de sombras na natureza é convidar vocês a investigar o mundo com o corpo, a luz e a sombra. O teatro de sombras amplia a imaginação e permite transformar elementos simples em experiências significativas. Segundo **Knutez*** (2024, p. 05) "O teatro de sombras, uma das formas do teatro de animação, integra-se perfeitamente ao brincar, proporcionando uma experiência sensorial única. Através da manipulação das silhuetas e de fontes luminosas as crianças têm a oportunidade de brincar e de criar, explorando também movimentos do corpo".



Referência:

*KNUTEZ, Sandra Regina. O Teatro de Sombras e o Brincar: Aprendizagem e Ludicidade na Educação Infantil. A Luz em Cena, [S. l.], v. 4, n. 00, 2024.

GRUPO 1 – ATUAÇÃO

Os participantes desse grupo foram responsáveis por encenar o teatro de sombras a partir da leitura do livro **"Carona na Vassoura"** de Julia Donaldson e Axel Scheffler. Puderam utilizar o próprio corpo e objetos cênicos para compor cenas inspiradas na narrativa.

GRUPO 2 – PLATEIA

As participantes que estavam observando foram convidadas a perceber o que surge nas sombras, os movimentos que se destacam e as histórias que podem ser imaginadas a partir das cenas apresentadas.

OBJETOS DE CENA:



GATO



VASSOURA



PÁSSARO



VARINHA



CALDEIRÃO



TECIDOS



CHAPÉU DE BRUXA



CACHORRO



MÁSCARA DE DRAGÃO



SAPO



Brinquedos do chão



Referência:

PIORSKI, Gandhy. Brinquedos do chão: a natureza, o imaginário e o brincar. São Paulo: Peirópolis, 2016.

CAMPOS DE EXPERIÊNCIAS:

- O eu, o outro e o nós;
- Escuta, fala, escrita, pensamento e imaginação;
- Corpo, gestos e movimentos;
- Espaço, tempo, quantidades, relações e transformações.

SABERES E CONHECIMENTOS:

- Cultura do brincar, a imaginação e a relação com a natureza;
- Exploração de luz e sombra mediadas pelas experiências sensoriais e pela linguagem.

RECURSOS:

- Gravetos, cipós ou barbantes, sementes, argila, pedrinhas, massa de modelar caseira, prendedores de madeira, rolos, estacas, potes e bandejas para organização, bucha vegetal, retalhos de tecidos, algodão, palhas.



Inspirada na obra de **Gandhy Piorski,** a vivência "Brinquedos do Chão" foi um convite para que os cursistas criassem seus próprios brinquedos a partir dos recursos naturais disponíveis no espaço, resgatando o gesto ancestral de modelar o mundo com as mãos em comunhão com a natureza.

Quem desejasse, também poderia realizar uma coleta ética e respeitosa pelo parque, cuidando para não destruir ou danificar os elementos vivos. A proposta da oficina envolveu a produção e o registro fotográfico do brinquedo pronto, que ao final foi desfeito dentro da lógica do "faça e desfaça", permitindo que outros grupos também usufruam do espaço e dos recursos.

Desfazer não era obrigatório, mas o não desperdício foi essencial: preservaram apenas aquilo que consideraram verdadeiramente significativo.



Hevea brasiliensis

SEMENTE DE SERINGUEIRA





SEMENTE DE JATOBÁ

Hymenaea courbaril

SEMENTE DE GIRASSOL



Helianthus annuus L.



Zea mays

SABUGO DE MILHO

ANIS ESTRELADO



Illicium verum

Amphilophium crucigerum



PENTE-DE-MACACO



RECEITA DE MASSINHA



Ingredientes:

- 1 xícara de farinha de trigo;
- ½ xícara de sal;
- 1 colher de óleo ou azeite;
- 1 colher de bicarbonato de sódio;
- 1 xícara de água quente.
- 1 colher de corante alimentício (opcional).

Modo de preparo:

Misture todos os ingredientes em um recipiente, adicionando a água quente por último. Deixe esfriar antes de manusear.



Caçadores de imagens

SABERES E CONHECIMENTOS:

- Exploração sensorial e perceptiva dos elementos da natureza (luz, sombra, cores, formas, vento e céu);
- Produção de marcas gráficas a partir da observação;
- Percepção de cores, formas, contrastes, luz e sombra em ambientes naturais.

A vivência iniciou com um convite à contemplação do céu e da natureza, em um espaço preparado para acolher o corpo no chão. A partir da lembrança afetiva da brincadeira de encontrar formas nas nuvens, a proposta se expande: "que tal levar essa brincadeira além, transformando a imaginação em desenho?".

CAMPOS DE EXPERIÊNCIAS:

- O eu, o outro e o nós;
- Escuta, fala, escrita, pensamento e imaginação;
- Corpo, gestos e movimentos;
- Espaço, tempo, quantidades, relações e transformações.





A observação não se restringe às nuvens. O formato de uma folha, o tronco de uma árvore ou a silhueta de um animal próximo também podem despertar o olhar imaginativo. Como referência estética, a vivência apresenta o trabalho dos artistas **Dudi Maia Rosa e Chris Judge,** que transformam fotografias de nuvens em ilustrações criativas e divertidas.

RECURSOS:

- Papel celofane, canetinhas, plástico transparente, papelão, rolos de papel, barbante, cola quente, mantas, almofadas, cestos, caixas de papelão, papel pardo, pano, obras e bibliografia dos artistas plásticos Dudi Maia Rosa e Chris Judge.





PARA IR além...





Dudi Maia Rosa (Rafael Maia Rosa) é um artista plástico brasileiro, atuando como pintor, desenhista e professor. Nascido em São Paulo, iniciou sua trajetória artística nos anos 1960, estudando gravura na FAAP e realizando sua primeira exposição individual em 1967, na Galeria Atrium.

Nos últimos trabalhos, sobretudo no final da década de 2010, ganhou destaque a série "Deslumbres", em que o artista fotografa nuvens e desenha diretamente sobre as imagens, criando figuras e cenas imaginárias. Nessa série, as formas naturais das nuvens se transformam em personagens, estimulando o olhar sensível e a imaginação.

Chris Judge é um ilustrador e artista visual irlandês, radicado em Dublin, conhecido por transformar nuvens em desenhos leves e bem-humorados. O projeto A Daily Cloud surgiu em 2020, durante a quarentena da pandemia de Covid-19, quando o artista passou a observar o céu enquanto permanecia mais tempo em casa com a família. Inspirado por fotografias feitas por sua filha, Judge começou a desenhar traços simples sobre imagens de nuvens, revelando personagens, animais e cenas imaginárias. As ilustrações foram compartilhadas inicialmente nas redes sociais e rapidamente ganharam grande repercussão, incentivando o artista a publicar um novo desenho de nuvem todos os dias.

O projeto cresceu e ele passou a receber imagens enviadas por pessoas de diferentes países e conquistou milhões de seguidores no Instagram, destacando-se pela simplicidade, humor e valorização do cotidiano.





Trilha do sentir

"Em cada sentido moram outros sentidos"
Bartolomeu Campos de Queirós

CAMPOS DE EXPERIÊNCIAS:

- O eu, o outro e o nós;
- Escuta, fala, escrita, pensamento e imaginação;
- Corpo, gestos e movimentos;
- Espaço, tempo, quantidades, relações e transformações.

SABERES E CONHECIMENTOS:

- Percepção espacial e corporal;
- Percepção da diversidade biológica presente no meio.

Um convite a redescobrir a natureza para além do olhar, aguçando sentidos que muitas vezes adormecem na rotina. Uma experiência que se iluminou com a poesia **"Os cinco sentidos"**, de Bartolomeu Campos de Queirós. Ao serem guiados com os olhos vendados, todos foram convidados a escutar o que o poeta chama de "silêncio do mundo", onde moram o vento, o canto das aves e o rumor das folhas, descobrindo que "escutar é também uma forma de ver".

A pele, essa "raiz cobrindo o corpo inteiro", desperta para a aspereza dos troncos, a temperatura do ar e a umidade da terra. O olfato, por sua vez, desperta para os cheiros que "passeiam pelos ares", aguçando memórias e criando paisagens invisíveis. Ao final do percurso, quando as vendas foram retiradas, o retorno ao ponto de partida tornou-se também um exercício de reconstrução, não apenas do caminho, mas de uma nova forma de estar no mundo.

Referência:
QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. O**s Cinco Sentidos.** 3. ed. São Paulo: Global, 2009.









OS CINCO SENTIDOS



Cores da natureza

CAMPOS DE EXPERIÊNCIAS:

- O eu, o outro e o nós;
- Escuta, fala, escrita, pensamento e imaginação;
- Corpo, gestos e movimentos;
- Espaço, tempo, quantidades, relações e transformações.

SABERES E CONHECIMENTOS:

- Investigar, conhecer e experimentar pigmentos produzidos a partir de materiais de origem natural;
- Vivenciar situações de aproximação da natureza;
- Estabelecer elo com a natureza, tendo acesso ao que está em seu entorno, reconhecendo-se como ser orgânico.

RECURSOS:

- Materialidades utilizadas para a confecção dos pigmentos: Urucum, Açafrão, Beterraba, Café solúvel e erva-mate;
- Aglutinantes: água, cola e babosa.;
- Materiais mediadores: pincel, rolinho, esponja, carimbos, pilão, riscantes, papel Kraft, fita crepe, sulfite, potinhos com tampa.

A proposta buscou explorar diferentes materialidades no processo de produção de tintas naturais, despertando o olhar para a paleta de cores que já existe ao redor: nos solos de diferentes tonalidades, nas folhas que maceradas revelam verdes intensos, nas cascas de frutas, nas flores, nas sementes e em tantos outros elementos naturais que guardam pigmentos escondidos. Nela, buscou-se experimentar a transformação da matéria em tinta: amassar, peneirar, misturar, sentir a textura e observar a cor que nasce do encontro entre o elemento natural e a processo investigativo.



Gabriela Figueira

Professora de Artes Visuais da Rede Municipal de Ensino de Campo Grande-MS, formada em Artes Visuais pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Atualmente desenvolve pesquisa, no âmbito do mestrado PROF-ARTES/UFMS, sobre as potencialidades formativas da coleta, da confecção e do uso de pigmentos naturais do entorno escolar nas aulas de Arte com crianças do Grupo 5 da Educação Infantil.



“**Sou Gabriela Bezerra Figueira Lima Machado, professora de Arte da Rede Municipal de Ensino de Campo Grande**. Atualmente, desenvolvo uma pesquisa no Mestrado Profissional em Artes PROFARTES, na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), sob orientação da professora Dra. Priscilla de Paula Pessoa. A pesquisa é realizada com uma turma de Grupo 5 da Educação Infantil, na Escola Municipal Antonio José Paniago, e investiga as possibilidades formativas da coleta de elementos naturais presentes no entorno da escola, da confecção de tintas e da pintura nas aulas de Arte.

Durante esse percurso, realizo testes com diferentes elementos naturais e formas de preparação das tintas, buscando conhecer suas características e possibilidades cromáticas. Esses testes representam uma dimensão do processo de criação da atividade docente, pois envolvem investigar os materiais, experimentar suas possibilidades, fazer escolhas e pensar nos procedimentos e cuidados necessários para as propostas com as crianças.

Foi a partir desse percurso que recebi o convite da Divisão de Educação Infantil da Secretaria Municipal de Educação (SEMED) para participar da formação “Territórios em Transformação: a natureza e a experiência estética por meio das materialidades”, realizando a vivência “Cores da Natureza”.

A oficina começou com uma conversa sobre a importância do planejamento dessas propostas, especialmente quando realizadas com crianças pequenas. Falamos sobre a escolha dos materiais, possíveis reações alérgicas e fotossensíveis, os aglutinantes, as formas de mediação, o uso de instrumentos que evitem o contato prolongado dos pigmentos com a pele e também os cuidados com o armazenamento das produções.

Também apresentei artistas que trabalham com pigmentos naturais a partir de diferentes escolhas e perspectivas, destacando principalmente **Sol Terena**, referência artística da pesquisa que venho desenvolvendo, pela relação de sua produção com ancestralidade, território e cultura.

Para a parte prática, organizamos cinco estações de confecção de tintas, nas quais as professoras puderam experimentar diferentes materiais, formas de preparo e aglutinantes. Com o urucum, realizamos a maceração com água e cola, produzindo tintas a partir das duas possibilidades. Com a beterraba, fizemos a ralagem e a maceração, seguida da coagem, utilizando água e cola em preparos diferentes. No açafrão, realizamos o corte e a maceração no pilão, também experimentando babosa e cola como aglutinantes. Com o café solúvel, utilizamos água quente para a preparação e, em outro preparo, acrescentamos cola. Já com a erva de tereré, utilizamos água quente e cola, realizando a coagem para obter a tinta verde.

Os grupos foram se reunindo nas estações e realizando as experimentações, observando as transformações dos materiais e ajustando as misturas de acordo com a cor, a textura e a consistência que iam encontrando. Depois, as tintas produzidas foram identificadas e levadas para um espaço coletivo, onde todas as professoras puderam experimentar os diferentes materiais em uma pintura.

Para mim, participar dessa formação foi uma experiência muito importante. Foi interessante acompanhar os processos de criação e experimentação das professoras durante a oficina, observando os caminhos percorridos na confecção das tintas e na pintura, as escolhas feitas diante dos materiais e as formas encontradas por cada grupo para desenvolver sua proposta. Esses processos dialogam com questões que venho investigando e ampliam meu olhar sobre as relações entre materialidade, experimentação e criação no ensino de Arte.”





CUIDADOS E RECOMENDAÇÕES

1. Alguns pigmentos de origem natural podem provocar reações quando em contato com o sol.

2. Evite exposição solar após atividades que utilizem materiais que possam causar fotossensibilidade.

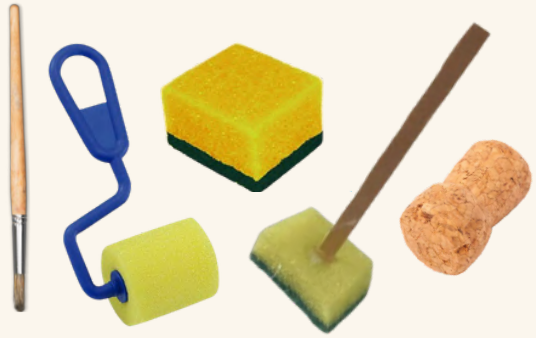
3. Em caso de qualquer reação adversa, interrompa imediatamente o uso do material, lave a área com água em abundância e comunique a equipe escolar e família.

PIGMENTOS DE ORIGEM NATURAL:

- AÇAFRÃO
- BETERRABA
- ERVA-MATE
- CAFÉ SOLÚVEL
- URUCUM

NATURAL NÃO SIGNIFICA SEGURO. PLANEJAR É CUIDAR!

Materiais **mediadores**:



EVITE O CONTATO PROLONGADO DOS PIGMENTOS COM A PELE, BOCA E OLHOS DAS CRIANÇAS!



Máquina fotográfica

CAMPOS DE EXPERIÊNCIAS:

- O eu, o outro e o nós;
- Escuta, fala, escrita, pensamento e imaginação;
- Corpo, gestos e movimentos;
- Espaço, tempo, quantidades, relações e transformações.

SABERES E CONHECIMENTOS:

- Observação da biodiversidade e desenvolvimento dos sentidos na relação direta com a natureza;
- Ampliação de atitudes de cuidado, preservação, respeito e aproximação com espaços naturais.

A vivência propôs um delicado exercício de entrega e generosidade, no qual uma pessoa se fez máquina (de olhos fechados, disponível e confiante) e a outra se fez fotógrafa, caminhando em busca de cenas que merecem ser guardadas.
O fotógrafo conduziu a máquina pelo espaço e, ao encontrar uma imagem significativa, compartilhou-a por meio de um gesto simples e preciso: um leve toque no ombro para que os olhos se abram, dois toques seguidos para que se fechem novamente, como o disparo e o obturador de uma câmera real.

É nesse fechar dos olhos que mora o segredo da experiência: a imagem não se perde, mas mergulha para dentro, internaliza-se, grava-se na memória como uma fotografia revelada não em papel, mas no corpo de quem viu. Assim, o fotógrafo presenteia o outro com aquilo que seu olhar encontrou de belo no mundo.

RECURSOS: BANDANAS E PAISAGENS!



Referência:

CORNELL, Joseph Bharat. **Vivências com a natureza 1:** guia de atividades para pais e educadores. São Paulo: Aquariana, 2005.

PARQUE DAS NAÇÕES INDÍGENAS

LOCAIS DE FORMAÇÃO

MUSEU DAS CULTURAS DOM BOSCO

Local do encontro formativo "Territórios em transformação: a natureza e a experiência estética por meio das materialidades", o Parque das Nações Indígenas é uma das principais áreas verdes urbanas da cidade, com cerca de 116 hectares. O espaço reúne vegetação, lagos e uma diversidade de animais silvestres, como capivaras, quatis, cutias e diversas espécies de aves.

Além de ser um espaço de lazer e contato com a natureza, o Parque possui ações de monitoramento e conservação coordenadas pelo Instituto de Meio Ambiente de Mato Grosso do Sul (IMASUL).

A área conta com equipes de acompanhamento, vigilância e videomonitoramento. Os animais e a fauna aquática são observados por técnicos do IMASUL, que realizam ações de manejo e cuidados sempre que necessário, contribuindo para a segurança da população e para a preservação da biodiversidade local.

Localizado dentro do Parque das Nações Indígenas, o Museu das Culturas Dom Bosco (MCDB) é mantido pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) e atualmente dirigido pelo educador ambiental e museal Dirceu Mauricio van Lonkhuijzen, que gentilmente cedeu o espaço para os referidos encontros formativos realizados nos dias 20, 21 e 22 de maio de 2026.

O MCDB possui a missão cultural de preservar, conservar, pesquisar e expor um importante acervo de artefatos e referências patrimoniais e culturais.

Atualmente, o museu possui as seguintes coleções em acervo:

- Coleção de Taxidermizados;
- Coleção de Minerais;
- Coleção de Fósseis;
- Coleção de Insetos;
- Coleção de objetos da Pré-história;
- Coleção de Memória do Museu;
- Coleção Povo Kalapalo (Xingu);
- Coleção Povos de Mato Grosso do Sul;
- Coleção Povo Iny Karajá;
- Coleção Povo Boe Bororo;
- Coleção Povo Xavante;
- Coleção dos Povos do Alto Rio Negro.




PLANO
SEMPARAR
em ação!

EMEI JOSÉ RAMÃO CANTERO











A EMEI conta com diferentes espaços externos organizados e planejados para proporcionar às crianças experiências significativas de interação, exploração, movimento e contato com a natureza. Esses ambientes são contemplados em um cronograma semanal, possibilitando que todos os grupos vivenciem, de forma organizada e diversificada, as diferentes possibilidades que o espaço externo oferece. Entre os ambientes já estruturados, destacam-se a **Sombra Boa I** (espaço composto por pneus) e a **Sombra Boa II** (organizada com tocos de madeira), que favorecem brincadeiras, desafios motores, exploração e momentos de convivência. A EMEI conta também com o **Parque de Areia**, que possibilita experiências sensoriais, construções, descobertas e brincadeiras livres.

ESPAÇOS EXTERNOS

A organização de um cronograma semanal garante que todos os grupos tenham acesso aos diferentes espaços [...]. No cotidiano, essas vivências também passaram a alimentar projetos, sequências didáticas, encontros e eventos, conectando as experiências reais das crianças às propostas pedagógicas.



O plano de ação nasce, portanto, do desejo de potencializar o que a própria escola já possui, ***transformando seus espaços naturais.*** Logo, a escola reorganizou ambientes e construiu novos espaços externos, como **roça**, **horta**, **parques**, **ambientes de sombras** e, especialmente, **pomar**.



EMEI JURACY GALVÃO OLIVEIRA

Na EMEI Juracy Galvão Oliveira, o plano de ação propõe a **revitalização gradual dos espaços externos da EMEI** e a produção e instalação de **coletores de água nos solários** utilizados diariamente pelas crianças, para captação da água dos ares-condicionados.



Os coletores foram construídos com materiais de fácil acesso, baixo custo, boa qualidade e resistência para que tenham vida útil prolongada.

As propostas surgiram da necessidade de ampliar as experiências das crianças para além da sala de referência, fortalecendo o contato com a natureza, o brincar, a exploração e as interações. O projeto também considera a importância de prevenir o Transtorno de Déficit de Natureza, promovendo vivências ao ar livre que favoreçam o bem-estar e o desenvolvimento integral.

ÁREA EXTERNA

“Com participação ativa das crianças, a rotina da instituição contempla momentos de organização e cuidado dos espaços, plantio e manejo de grama e um canteiro de flores na área barrancada da EMEI como alternativa ecológica para evitar o deslizamento da terra em dias chuvosos, o plantio de mudas de árvores e plantas frutíferas, criação da **“Cozinha da Natureza”** (horta escolar), além da construção de estruturas feitas com materiais reaproveitados.”





As crianças participam de todas as etapas, explorando a terra, cultivando plantas e utilizando todos os espaços externos para brincadeiras e experiências.

EMEI TRIÂNGULO AZUL

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS



“As ações voltadas à temática da Educação Ambiental acontecem de forma **contínua e integrada** ao cotidiano da escola. Essas experiências são garantidas por meio do cronograma de atividades e também acompanhadas e supervisionadas durante os momentos de planejamento pedagógico. Em nossa escola, contamos com um cronograma e horários organizados para a utilização das áreas externas, garantindo às crianças momentos de brincar livre e de interação com a natureza. Experiências como **rodas de histórias à sombra das árvores**, **brincadeiras com barro e areia**, **exploração dos espaços naturais** e outras **vivências ao ar livre** fazem parte do cotidiano de todos os grupos, possibilitando que as crianças estabeleçam vínculos com a natureza e vivenciem de forma significativa.”

A equipe pedagógica desenvolve ações contextualizadas que contribuem para a formação de sujeitos conscientes de seu papel no cuidado e na preservação do meio em que vivem, articulando saberes, valores e vivências de forma significativa.





Em nossa escola vivenciamos experiências riquíssimas, como o cultivo do jardim e da horta, a fim de contribuir com a merenda escolar e a alimentação saudável, além de vivências com elementos da natureza, contemplando todos os seus grupos e campos de experiências.



Aproximar as crianças da natureza é mais do que uma proposta pedagógica: é um compromisso ético, social e ambiental!

EMEI PIRATININGA

PARCERIA EXTERNA



O projeto nasce como um espaço permanente de aprendizagem, integração e contato direto das crianças com o meio ambiente. A escola recebeu 25 mudas frutíferas, entre jabuticabas, pitangas, acerolas e goiabas vermelhas.

O Plano de Ação da EMEI Piratininga surgiu da necessidade de ampliar as experiências das crianças nos espaços externos e fortalecer a compreensão da natureza como parte do currículo da Educação Infantil. A equipe percebeu a importância de superar propostas pontuais e ampliar as oportunidades para que bebês e crianças pudessem brincar, investigar, levantar hipóteses, fazer descobertas e construir conhecimentos a partir do contato cotidiano com a natureza.

Dessa forma, buscou-se **ressignificar os espaços da unidade**, valorizando-os como ambientes educativos capazes de despertar curiosidade, encantamento, criatividade e pertencimento.





A proposta é que o pomar se torne parte do cotidiano escolar, proporcionando uma educação ambiental desde os primeiros anos de vida.

A EMEI recebeu o **primeiro Pomar Urbano de Campo Grande**, iniciativa inédita desenvolvida por meio do Programa de Parceria Municipal (Propam), coordenado pela Secretaria Municipal de Meio Ambiente, Gestão Urbana e Desenvolvimento Econômico, Turístico e Sustentável (Semades), com apoio da empresa P.B. Lopes Scania.



EMEI ANTÔNIO MÁRIO GONÇALVES DA SILVA

O Plano de Ação teve como objetivo ampliar as experiências dos bebês por meio do contato direto e cotidiano com a natureza, utilizando os espaços externos da EMEI como ambientes de aprendizagem.
Na **horta**, os bebês tiveram contato com plantas como salsinha e cebolinha. Também foram realizadas experiências de observação dos **frutos** existentes na escola, como amora, mamão, caju e banana. Em um dos momentos, os bebês foram convidados a explorar o espaço do **jacarandá**, realizando a coleta de elementos naturais que já se encontravam no chão, como frutos, vagens ou sementes.



As leituras ao ar livre foram incorporadas à rotina, utilizando os espaços de sombra das árvores para criar ambientes acolhedores de escuta e imaginação.

O redário também foi utilizado como espaço pedagógico, proporcionando momentos de balanço, acolhimento, descanso, escuta de histórias e percepção dos sons da natureza.



O quintal da unidade constitui um importante espaço educativo, especialmente por possuir árvores, horta, plantas, flores e frutos, como amora, mamão, caju e banana, além de temperos como salsinha e cebolinha.



ESPAÇOS EXTERNOS









EMEI Prof. Alberto Guilherme Batistoti

A equipe compreende que o contato com o ar livre, com a natureza e seus elementos não deve ser encarado como uma escolha eletiva ou preferência pessoal de cada professor/a. Trata-se de um direito das crianças que precisa ser respeitado e de um dever da instituição escolar.



“O plano de ação da EMEI Alberto Guilherme Batistoti tem como proposta possibilitar uma maior integração entre crianças e adultos com a natureza. Por meio de experiências ao ar livre e do uso de materiais orgânicos. Entre as propostas, incluem-se a reestruturação de documentos da instituição, o estabelecimento de parcerias com a comunidade, a composição e revitalização dos espaços internos e a **substituição de materiais sintéticos, como plásticos e EVAs, por elementos naturais e recicláveis** nas atividades cotidianas.

Toda a equipe pedagógica buscou formular uma proposta conjunta para criar oportunidades no cotidiano em que as crianças interajam de forma ativa com o meio ambiente. **Essa reflexão coletiva motivou a comunidade escolar a se organizar** para reestruturar seus tempos, espaços físicos, documentos pedagógicos e materiais de uso diário.”



Exploração em um dia de chuva com o professor André

EMEI Prof.ª DANIELA FERREIRA COLMAN



A **Boutique Solidária** nasceu de uma Campanha do Agasalho e tornou-se uma ação permanente da EMEI. Roupas, calçados, brinquedos, acessórios e outros itens em bom estado são recebidos, selecionados e organizados para que as famílias escolham gratuitamente aquilo de que necessitam. A ação também promove sustentabilidade, ao prolongar a vida útil dos objetos, estimular o consumo consciente e reduzir o descarte.

A proposta surgiu a partir da percepção de duas realidades: famílias com itens infantis sem utilização e outras que necessitam desses mesmos materiais. As doações são recebidas durante todo o ano e disponibilizadas continuamente às famílias. A unidade atende 170 crianças, de 6 meses a 4 anos, **e a Boutique recebe, em média, duas famílias por dia**.

A Boutique aproxima essas realidades e transforma o que poderia ser descartado em recurso útil para outra família. A participação da comunidade fortaleceu os vínculos com a escola e consolidou uma rede de solidariedade e responsabilidade socioambiental.

REUTILIZAÇÃO



EMEI LAR DE SHEILA

As propostas contemplaram especialmente conhecimentos relacionados aos povos Guarani Kaiowá, Guarani Ñandeva, Terena, Kadiwéu, Guató, Kinikinau, Atikum e Kamba, respeitando suas especificidades e evitando uma representação genérica dos povos indígenas.

Na EMEI Lar de Sheila, a **horta** e os **jardins** passaram a integrar as propostas pedagógicas, possibilitando que as crianças vivenciem experiências de plantio, cuidado, observação e acompanhamento das transformações da natureza. Nesse percurso, os saberes e modos de vida dos povos indígenas de Mato Grosso do Sul também constituíram importantes referências para aproximar as crianças de outras formas de compreender as relações entre pessoas, natureza, território, memória e pertencimento.





Destaca-se também a participação da artista Luana Kadiwéu - avó de uma das crianças da EMEI-, que compartilhou com os profissionais conhecimentos relacionados à cerâmica Kadiwéu, abordando a escolha da argila, a modelagem e a utilização de elementos naturais na pintura.

A participação de famílias indígenas da comunidade escolar fortaleceu esse percurso, com o compartilhamento de artefatos e conhecimentos.

IMPACTO NA COMUNIDADE





Prof.

EMEI AMARÍLIO FERREIRA JUNIOR

FORMAÇÃO CONTINUADA

Foram desenvolvidas ações de **formação continuada com a equipe escolar**, com encontros mensais organizados pela coordenação pedagógica. As propostas envolveram a leitura e discussão de artigos científicos relacionados à Educação Ambiental na Educação Infantil, seguida de reflexões sobre a prática pedagógica e elaboração de propostas para serem desenvolvidas com as crianças.

A organização dos estudos em encontros mensais contribuiu para que as discussões não permanecessem apenas no campo teórico. O cronograma prevê que, após a leitura e discussão dos artigos, a equipe reflita sobre como aplicar as ideias no cotidiano e registre propostas para implementação nas turmas.

As propostas possibilitaram que a Educação Ambiental fosse compreendida como **parte do cotidiano** da Educação Infantil, favorecendo experiências de exploração, observação, contato com a natureza e desenvolvimento de atitudes de cuidado com o ambiente.







RECICLAGEM

Prof. EMEI ELOY SOUZA DA COSTA

A educação ambiental se fortaleceu por meio de ações relacionadas à **reciclagem e ao reaproveitamento de materiais**. A EMEI conta com a parceria da **SOLURB** e com a participação das famílias, que colaboram trazendo materiais recicláveis para a unidade, que funciona como ponto de coleta. Esses materiais ganham novos significados nas mãos das crianças e dos professores, transformando-se em brinquedos, objetos e recursos para as experiências pedagógicas. Nesse processo, contamos também com o acompanhamento e a contribuição de **Mara Calvis**, que auxilia na criação e confecção de atividades lúdicas e brinquedos recicláveis, ampliando as possibilidades de exploração e mostrando às crianças, de maneira criativa, que muitos materiais podem ser reutilizados antes de serem descartados.

Outra iniciativa incorporada ao cotidiano da escola foi o **reaproveitamento da água.** Por meio da utilização de canos de PVC para armazenar a água que anteriormente seria desperdiçada, tornou-se possível utilizá-la na limpeza da unidade.







Essas ações trouxeram mudanças importantes para o **cotidiano** da EMEI. Mais do que realizar atividades pontuais, a equipe passou a incorporar as experiências com a natureza, a sustentabilidade e a reciclagem aos planejamentos e à rotina das turmas.

Nossos encontros formativos sobre "Educação Ambiental na Primeira Infância" germinaram sementes valiosas, reverberando-se em práticas pedagógicas inspiradoras no cotidiano escolar de todas as Escolas Municipais de Educação Infantil (EMEIs), através de planos de ação construídos institucionalmente em 2025.

As práticas selecionadas e expostas acima são alguns exemplos de como os planos estão sendo colocados em ação. As EMEIs citadas foram escolhidas considerando o trabalho com um dos 5 aspectos contemplados no plano de ação: Modos de promover a educação ambiental da escola; Composição, organização e uso dos espaços; Ampliação do tempo; Envolvimento de outros territórios e articulação comunitária; e Escolha dos materiais disponíveis para as crianças.

Ponderou-se também as práticas envolvendo reciclagem e reutilização de recursos - princípios importantes para a temática.

Assim, a promoção e o fomento da educação ambiental e suas possíveis aplicabilidades na rotina das crianças do contato com a natureza, o desemparedamento da infância e as ações sustentáveis, se constituíram como princípios político-pedagógicos das escolas.





“Quando brincamos, não estamos nos sujando com terra, mas nos cobrindo de vida.
A vida vem da terra.”

Txai Suruí

Ativista e líder indígena

Imagem da EMEI Lar de Sheila

Seção 3



UM MUNDO POSSÍVEL



O MUNDO COMEÇA AQUI

"O centro do mundo está em todo lugar. O mundo é o que se vê de onde se está."

Milton Santos



Campo Grande, capital de Mato Grosso do Sul, é uma cidade marcada pela diversidade cultural, pela presença de áreas verdes, ipês em grande concentração e pela relação com diferentes povos e territórios. Conhecida como "Cidade Morena", Campo Grande, possui 8.082,327 km² de área territorial e população estimada em 970.843 habitantes conforme o senso de 2026. Com densidade demográfica de 111,11 hab./km². A cidade também apresenta diversidade étnico-racial, com 18.434 pessoas indígenas e 735 pessoas quilombolas (IBGE, 2022).

Reconhecida por sua diversidade cultural, Campo Grande destaca-se pela hospitalidade e pela riqueza de seus espaços culturais, históricos e naturais. A cidade reúne parques, praças, museus, monumentos, feiras, artesanato, igrejas e uma aldeia urbana indígena (Marçal de Souza) reconhecida como a primeira aldeia indígena em contexto urbano do Brasil, constituindo um território marcado por diferentes modos de viver, culturas e relações com a natureza.

CAMPO GRANDE



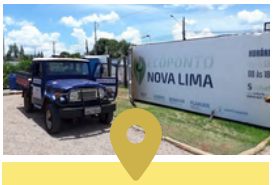


LEVs e Ecopontos: Você pode levar materiais a um dos mais de 150 Locais de Entrega Voluntária (LEVs) ou aos cinco Ecopontos de Campo Grande, que abrem de segunda a sábado, das 8h às 18h.

Coleta Porta a Porta: O "caminhão verdinho" da SOLURB passa em bairros específicos da Capital. Para isso é importante sempre separar os materiais limpos e secos e colocá-los na calçada nos dias programados pela Solurb Coleta Seletiva.



"O horário de funcionamento é de **segunda a sábado** das **8h às 18h** e acessível gratuitamente a qualquer cidadão, que poderá fazer o descarte em containers específicos e sinalizados para cada tipo de resíduo."



ECOPONTO NOVA LIMA: Endereço: Rua Pacajús, cruzamento com a Rua Galdino Afonso Vilela, Bairro Jardim Vida Nova.



ECOPONTO NOROESTE: Endereço: Rua Piraputanga, esquina com a Rua Guarulhos, Bairro Jardim Noroeste.



ECOPONTO PANAMÁ: Endereço: Rua Sagarana, esquina com a Av. José Barbosa Rodrigues, Bairro Panamá.

ECOPONTO UNIÃO: Endereço: Av. Roseira, esquina com a Rua Carmem Bazzano Pedra, Bairro União.

ECOPONTO MORENINHA: Endereço: Rua Copaíba, entre a Rua Antônio David Macedo e Rua Amado Nogueira de Moraes. Bairro Moreninha.



Descarte irregular de resíduos é crime ambiental e pode gerar multas!

E quando o problema estiver relacionado a terrenos baldios mal conservados, com acúmulo de resíduos, a denúncia pode ser feita para a Semadur pela **Central 156.**



Descarte de remédios e cosméticos: Os medicamentos e cosméticos impróprios podem ser descartados tanto nas Unidades Básicas de Saúde espalhadas por Campo Grande, quanto no Conselho Regional de Farmácia, na Avenida Rodolfo José Pinho, número 66, no Bairro Jardim Sao Bento, de segunda-feira a sexta-feira, das 12h às 18h.

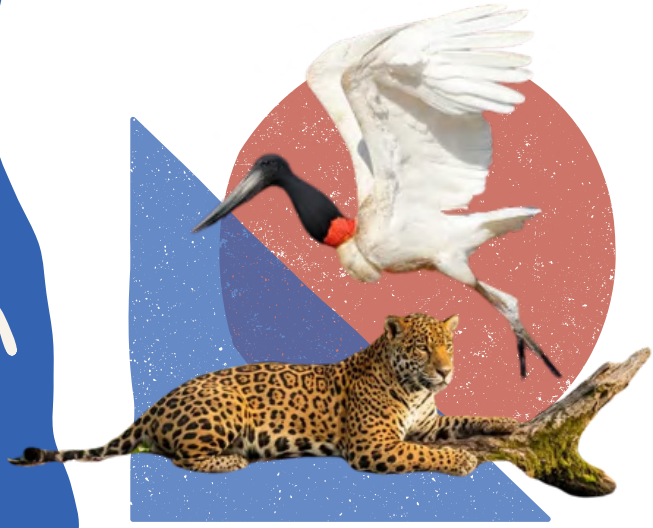
PANTANAL

"Todas as coisas deste lugar já estão comprometidas com aves. Aqui, se o horizonte enrubesce um pouco, os besouros pensam que estão no incêndio."

Manoel de Barros



O Pantanal constitui uma das maiores planícies alagáveis contínuas do mundo e está localizado no centro da América do Sul. Apontado como uma das maiores áreas úmidas do planeta, o Pantanal apresenta elevada importância ecológica em razão de sua expressiva biodiversidade e de sua função na manutenção dos ecossistemas aquáticos e terrestres. A região abriga uma grande variedade de espécies da fauna e da flora, destacando-se o tuiuiú (Jabiru mycteria), considerado uma das aves-símbolo do Pantanal, além da onça-pintada (Panthera onca), dos jacarés, das capivaras, das garças, das araras e de inúmeras outras espécies de aves, mamíferos, répteis, peixes e organismos aquáticos.



A dinâmica hidrológica constitui uma das principais características do Pantanal. Durante o período de cheias, geralmente associado ao aumento das precipitações entre o final da primavera e o verão, o volume de água dos rios e das áreas inundáveis aumenta significativamente. Como consequência, extensas porções da planície permanecem alagadas, formando ambientes conhecidos como baías, corixos, vazantes e campos inundáveis. Esse processo transforma a paisagem e influencia diretamente os hábitos alimentares, reprodutivos e migratórios de diversas espécies.



Durante a estação de cheia, o deslocamento em determinadas áreas pode ser realizado principalmente por meio de embarcações, como barcos, canoas e chalanas, que possibilitam a circulação e a observação da fauna e da paisagem pantaneira. Nesse período, as áreas alagadas também favorecem a dispersão de nutrientes e a reprodução de diversas espécies de peixes e outros organismos aquáticos.

Com a redução das chuvas e o início do período de vazante, geralmente a partir do outono, o nível dos rios e das áreas alagadas começa a diminuir gradualmente. A água passa a escoar lentamente, fazendo com que os ambientes aquáticos se tornem mais concentrados. Os peixes, por exemplo, podem ficar reunidos em baías, corixos e lagoas remanescentes, o que aumenta a disponibilidade de alimento para aves aquáticas, jacarés e outros predadores. Ao mesmo tempo, a redução das áreas alagadas possibilita a retomada gradual do deslocamento terrestre em diversas regiões.

A alternância entre os períodos de cheia e vazante exerce, portanto, papel fundamental na organização ecológica do Pantanal. Esse ciclo natural influencia a distribuição da fauna e da flora, a disponibilidade de alimentos, a reprodução das espécies e a renovação dos nutrientes nos diferentes ambientes que compõem a planície pantaneira.



A conservação desse bioma depende da proteção de seus recursos hídricos, da manutenção dos ciclos naturais de inundação e vazante e da adoção de práticas econômicas sustentáveis, capazes de conciliar o desenvolvimento das atividades humanas com a preservação de sua elevada biodiversidade.

Entre as principais atividades desenvolvidas na região destacam-se o turismo de natureza, a pesca, a pecuária, a pesquisa científica e as ações de educação ambiental e conservação da biodiversidade. O turismo, em especial, contribui para a valorização da paisagem e da fauna pantaneira, além de gerar renda para as comunidades locais.

Dessa forma, o Pantanal desempenha funções ambientais essenciais e constitui um patrimônio natural de grande importância para nós, para o Mato Grosso do Sul, para o Brasil e para o mundo.

Além de sua relevância ecológica, o Pantanal apresenta significativa importância econômica, social e cultural.



POVOS INDÍGENAS NO MATO GROSSO DO SUL

Mato Grosso do Sul possui uma das maiores populações indígenas do Brasil e é marcado pela presença de diferentes povos e culturas. O estado reúne 11 etnias, sendo 8 delas reconhecidas oficialmente como pertencentes ao território do Estado. São elas: **Guarani Kaiowá**, **Guarani Ñandeva**, **Terena**, **Kadiwéu**, **Guató**, **Kinikinau**, **Atikum** e **Ofaié**. As etnias **Kamba**, **Ayoreo** e **Chamacoco**, por sua vez, habitam regiões fronteiriças e/ou urbanas, e historicamente enfrentam desafios relacionados ao reconhecimento oficial de seu território.

Cada um dos povos possui sua própria história, língua, conhecimentos, costumes e formas de viver e se relacionar com o território e com a natureza. Essa diversidade contribui para a riqueza cultural e para a história de Mato Grosso do Sul.

Os povos indígenas não pertencem ao passado. São povos vivos, que continuam produzindo conhecimentos, preservando suas línguas, fortalecendo suas culturas e lutando pelo direito aos seus territórios. Reconhecer essas histórias é também reconhecer outras formas de compreender a vida, a natureza e as relações entre as pessoas.

SOL TERENA

Olá caros alunos e professores, eu sou a Sol Terena artista indígena Terena, artesã, artista visual, ilustradora e ativista cultural. Tenho uma trajetória dedicada à valorização, pesquisa e difusão da cultura indígena por meio da arte e da educação.

Sou indígena IcD (Indígena com Deficiência), desenvolvo também esse debate e reflexão da nossa existência e luta. A minha trajetória começou quando eu tinha 06 anos de idade, através da minha luta de sobrevivência.

Desde a minha infância sempre fui apaixonada pela pintura corporal, mas quem me pintava era sempre meus irmãos, e com passar do tempo, fui morar fora da aldeia, em Campinas-SP. E lá vi a necessidade de aprender de fato a fazer a nossa pintura corporal. Com a ajuda de outros indígenas que lá viviam também, aprendi várias formas de extrair a nossa tinta, pois cada povo indígena tem seus conhecimentos sobre como extrair a pigmentação do jenipapo. E foi assim que surgiu o projeto **Pigmentação da Resistência,** em 2014.



A minha atuação tem como eixo central a pintura corporal indígena, que são os grafismos tradicionais indígenas, os saberes ancestrais e a identidade do povo Terena. Por meio do projeto Pigmentação da Resistência, desenvolvi as oficinas e ações educativas que apresentam o conhecimento tradicional da produção e utilização de pigmentos naturais, como o urucum e o jenipapo, aproximando crianças, jovens e educadores dos saberes indígenas.

Um dos principais objetivos da minha trajetória é levar a cultura indígena para além dos territórios indígenas, especialmente para as escolas não indígenas, contribuindo para uma educação que reconheça a diversidade cultural e combata estereótipos e preconceitos.

Através da arte, transformo a pintura corporal, os grafismos e os conhecimentos ancestrais em ferramentas de aprendizagem, diálogo e conscientização. Minhas ações possibilitam que estudantes conheçam a cultura indígena a partir da perspectiva dos próprios povos indígenas, compreendendo que a nossa cultura é viva, contemporânea e presente, e não apenas parte do passado.

A minha trajetória também está marcada pela defesa da representatividade e da ocupação de espaços por mulheres indígenas e por pessoas indígenas com deficiência. Assim, minha arte se torna uma forma de resistência, afirmação da identidade e transmissão de conhecimentos entre gerações.

> Para mim, levar a cultura indígena para as escolas é construir pontes entre territórios, gerações e conhecimentos, fortalecendo o respeito à diversidade e fazendo da educação um espaço de reconhecimento, pertencimento e resistência.



Imagem: Marcelo Camargo

ECA AMBIENTAL BRASIL

ACOMPANHE

Projeto de Lei nº 2.225/2024

O ECA Ambiental (Projeto de Lei nº 2.225/2024) é uma iniciativa aprovada pelo Congresso Nacional, em setembro de 2026, que garante o **direito de crianças e adolescentes à natureza e a um meio ambiente saudável com prioridade absoluta.**

O texto encontra-se em fase de aguardo de sanção presidencial e refere-se à abordagem da educação ambiental voltada à formação de crianças e adolescentes, promovendo conhecimentos, valores e atitudes relacionados à preservação do meio ambiente. Essa perspectiva está fundamentada na importância de desenvolver, desde a infância, uma consciência socioambiental baseada na responsabilidade, no respeito à natureza e no uso sustentável dos recursos naturais.

Dentre os fatores determinantes no Projeto, destacam-se os seguintes pontos principais: assegurar o **amparo prioritário às crianças e adolescentes em situações de riscos socioambientais e eventos climáticos extremos**; garantir o acesso e o **brincar livre em áreas naturais saudáveis** e espaços verdes para o desenvolvimento infantil; incentivar a **implantação das 'Escolas verdes'**, ou seja, uma educação baseada na natureza, com plantio de hortas, criação de áreas de sombra e adaptação dos espaços escolares e integrar a infância nas diretrizes ecológicas, a partir de alterações legais no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e a Política Nacional do Meio Ambiente.





Redução de plástico no Chile

O Chile mantém desde 2018 a proibição de sacolas plásticas no comércio, reforçando uma cultura ambiental sólida. Em 2026, o país avança ainda mais com a lei que elimina plásticos de uso único, como copos e talheres descartáveis, e com novas regras para embalagens retornáveis e recicláveis.

Transição Energética na Costa Rica

O país gera mais de 98% de sua eletricidade a partir de fontes renováveis (hidrelétrica, geotérmica, eólica e solar) há vários anos consecutivos.

Sacola plástica ou de algodão: qual é a melhor aliada da educação ambiental?

A conclusão mais importante para a educação ambiental é simples: a melhor sacola é a que se usa muitas vezes. Reutilizar, reduzir o consumo e escolher materiais duráveis são atitudes que ensinam, na prática, responsabilidade ambiental. Mais do que o tipo de sacola, o hábito consciente é o verdadeiro aliado do planeta.



A importância de restringir sacolas plásticas no mundo

As sacolas plásticas estão entre os resíduos mais poluentes do planeta: acumulam-se em praias, rios e mares, transformam-se em microplásticos e afetam a vida de animais e ecossistemas inteiros. Por isso, diversos países têm adotado leis para reduzir ou eliminar seu uso. A ideia é simples e urgente: diminuir o volume de plástico descartável, evitar danos ambientais de longo prazo e incentivar hábitos mais responsáveis. Cada sacola evitada representa menos lixo, menos impacto e um passo real rumo a um consumo mais consciente.

Amsterdã e Copenhague se destacam como referências globais em mobilidade sustentável.

Na capital dos Países Baixos, a bicicleta é parte essencial da rotina: a cidade conta com uma ampla rede de ciclovias, inúmeros estacionamentos para bikes e um relevo plano que facilita o uso diário desse meio de transporte. A integração eficiente com o transporte público reforça ainda mais essa cultura ciclística. Já Copenhague, na Dinamarca, incentiva a redução do uso de carros particulares. A cidade investe fortemente em infraestrutura para ciclistas e em políticas que estimulam o uso do transporte público.



PARA IR além



TERRITÓRIOS DO BRINCAR (2015)

O documentário retrata a participação de crianças em vários grupos de manifestações populares em quatro Estados brasileiros, e a sua relação com um brincar coletivo e inter-geracional.

Plataforma: Youtube









O COMEÇO DA VIDA 2: LÁ FORA (2020)

Um documentário que discute a importância das iniciativas que promovem o contato das crianças com a natureza apesar da crescente urbanização.

Plataforma: Netflix

TARJA BRANCA (2014)

O documentário mostra que brincar é urgente e explora o conceito de "espírito lúdico" - tão fundamental à natureza humana.

Plataforma: Mercado Play









MUITO ALÉM DO PESO (2012)

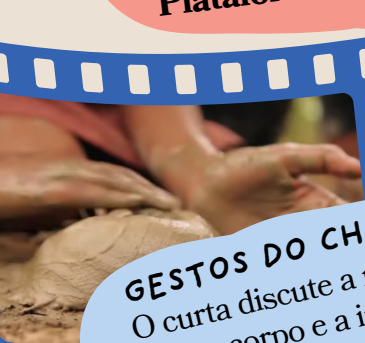
O documentário estuda o caso da obesidade infantil principalmente no território nacional, mas também nos outros países no mundo.

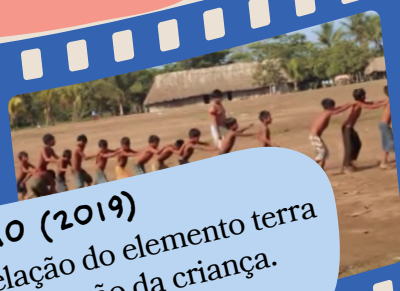
Plataforma: Mercado Play

CRIANÇA, A ALMA DO NEGÓCIO (2008)

O documentário analisa de forma crítica como a publicidade e a mídia de massa transformam o público infantil em alvo preferencial de consumo

Plataforma: Youtube









GESTOS DO CHÃO (2019)

O curta discute a relação do elemento terra com o corpo e a imaginação da criança.

Plataforma: Youtube

CRIANÇA E NATUREZA (2016)

Iniciativa do Instituto Alana para defender o direito de toda criança a viver em um meio ambiente saudável, fortalecendo seu vínculo com a Natureza.

Plataforma: Youtube

SABER & APRECIAR & CONHECER

IDEIAS PARA ADIAR O FIM DO MUNDO (2020)

"Neste livro, o líder indígena Ailton Krenak critica a ideia de humanidade como algo separado da natureza. Essa premissa estaria na origem do desastre socioambiental de nossa era, o chamado Antropoceno."
Autor: Ailton Krenak
Editora: Companhia das Letras

FUTURO ANCESTRAL (2022)

"A ideia de futuro por vezes nos assombra com cenários apocalípticos. Por outras, ela se apresenta como possibilidade de redenção, como se todos os problemas do presente pudessem ser magicamente resolvidos depois. Em ambos os casos, as ilusões nos afastam do que está ao nosso redor. "
Autor: Ailton Krenak
Editora: Companhia das Letras

TERRITÓRIOS EM TRANSFORMAÇÃO (2021)

"Guiados pela experiência, olhar e escuta atentas da Stela Barbieri, caminhamos pelo Territórios da Transformação. Como a autora diz, "um convite a olharmos, em nós e à nossa volta, as transformações na natureza, na cores, as construções e intervenções"
Autora: Stela Barbieri
Editora: BINAH

A CRIANÇA E A NATUREZA (2020)

"Somos constituídos de natureza e de cultura; a Natureza, nossa origem, nos fala e ensina. O vínculo espontâneo com o mundo natural é uma das características das crianças. As áreas verdes são campos férteis para elas vivenciarem a alegria e o bem-estar."
Autora: Izenildes Bernardina de Lima
Editora: Appris

À SOMBRA DESTA MANGUEIRA (1995)

"À sombra desta mangueira é uma lúcida análise de Paulo Freire sobre o contexto concreto do mundo nos fins do século XX. Reúne 16 ensaios de Paulo Freire, prefácio de Ladislau Dowbor e apresentação e notas de Ana Maria Araújo Freire."
Autor: Paulo Freire
Editora: Paz&Terra

ENCANTAR-SE COM O ENCANTO (2026)

"O autor propõe uma reflexão sobre a relação entre sociedade e natureza e defende a necessidade de resgatar a sensibilidade humana diante do meio ambiente."
Autor: Lui Henrique Ortelhado Valverde
Editora: Independente



PRECURSOR



"Num movimento de constante partilha, aprendizagem e escuta, o curso **"Educação Infantil Ambiental para Justiça Climática: crianças de um território, infâncias de um planeta"** proporcionou um processo formativo com potencial transformativo fundamental para a compreensão e atuação dentro da atual relação entre sociedade e natureza, sendo reverberado não somente nas práticas pedagógicas para com as crianças, mas também com outros profissionais docentes em escolas e territórios, na própria (re)conexão pessoal e coletiva entre diferentes indivíduos vivos, na sensibilização para a valorização do complexo natural que condiciona a interdependência da teia da vida em tempos de mudanças climáticas."

Curso de Aperfeiçoamento "Educação Infantil Ambiental para a Justiça Climática: crianças de um território, infâncias de um planeta"

É uma iniciativa SECADI (MEC) e sob coordenação da UFSCar (Sorocaba) e UNIRIO. Atualmente, é desenvolvido em 14 estados: São Paulo, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Goiás, Distrito Federal, Alagoas, Bahia, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Piauí, Sergipe e Pará. O curso tem como objetivo contribuir para a formação teórico-prática de profissionais da Educação Infantil comprometidas/os em intervir com as crianças em seus territórios para a justiça climática, produzindo novas formas de pensar e de agir em Educação Ambiental para a qualidade da vida na Terra.





Adler Santos

Articulador do curso:

Do interior de São Paulo para o Pantanal e Cerrado de Mato Grosso do Sul, Adler Santos é biólogo, professor e educador ambiental de formação, entusiasta das ciências sociais e do movimento agroecológico, fascinado pelos detalhes mais meticulosos e vívidos da experiência da vida, encantado pelas diferentes formas dos seres vivos e suas coexistências interdependentes.

DE ONDE VIEMOS...





...E PARA ONDE IREMOS



LEUSA DE MELO SECCHI
Coordenadora da Divisão de Educação Infantil

"Mas nada é melhor, que a água
A terra é a mãe de todos
O ar é que toca o homem
E o homem maneja o fogo
E o homem possui a fala
E a fala edifica o canto
E o canto repousa a alma
Da alma depende a calma
E a calma é irmã do simples
E o simples resolve tudo."

Renato Teixeira

A letra da canção do Renato Teixeira fala sobre a simplicidade da vida e que a terra é a mãe de todos. Assim, em nossa proposta formativa aprendemos que a conexão com a natureza é parte da essência humana.

Ao longo deste ano, vivenciamos três grandes encontros marcados pela arte, pelo conhecimento, pela ética e pela vida. Parece pouco, mas não foi. Vimos reverberar nas escolas, bem como no trabalho de gestores, coordenadores pedagógicos e professores, a expressão das crianças, a conexão com o tema e a inspiração das instituições — tudo registrado e compartilhado nesta produção intitulada Brincanças.

Desde 2025, formamos um laço e, LAÇO, na poesia de Adriana Falcão, é "uma espécie de nó que quando visível, enfeita e quando invisível estreita". Assim, enfeitamos e estreitamos os nossos laços em 2026.

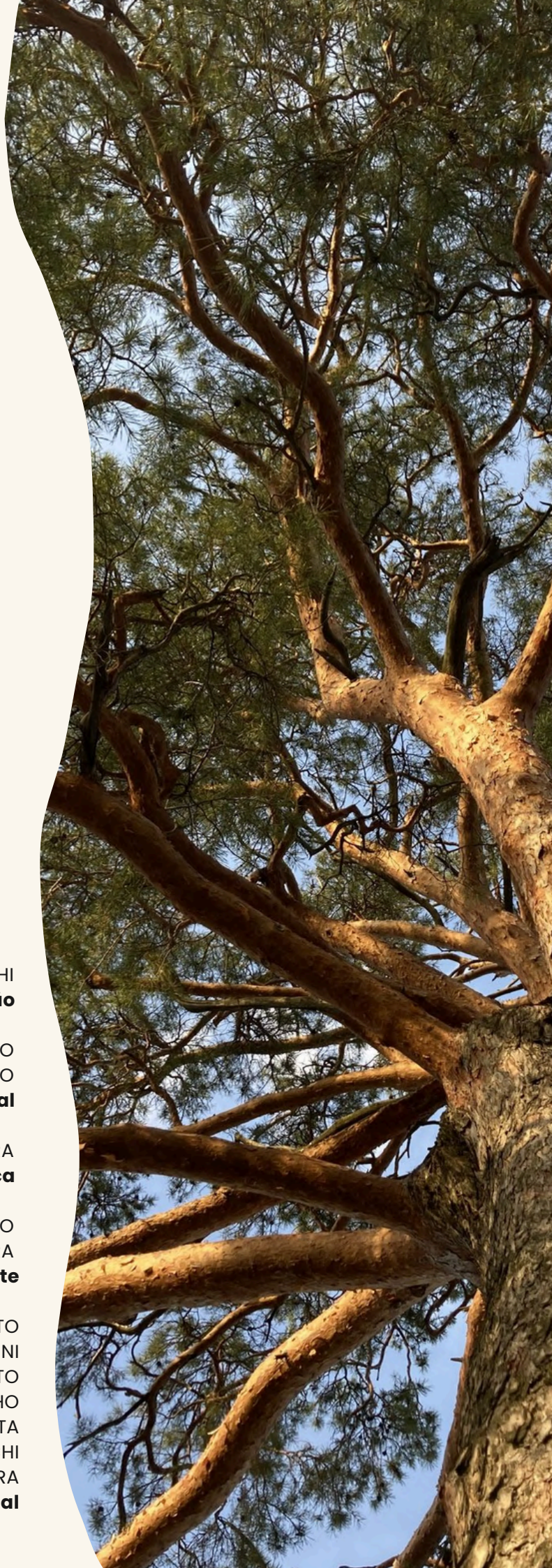
Brincanças une "brincar" e "infância", uma unidade totalizadora na Educação Infantil. Por isso, escolhemos a música Velha Infância, dos Tribalistas, para finalizar e expressar os momentos que tivemos:

"Eu gosto de você
E gosto de ficar com você
Meu riso é tão feliz contigo [...]
E a gente canta
A gente dança
A gente não se cansa
De ser criança
A gente brinca
Na nossa velha infância"

Novas e inspiradoras propostas virão para 2027. Esperamos, desejamos e acreditamos que é possível aumentar a nossa caminhada, assim como disse Geraldo Vandré, na música O Plantador: *"quanto mais eu ando, mais vejo estrada, mas se eu não caminho, eu sou é nada"*.

Tudo que fizemos, vivemos, sentimos e faremos vale e valerá a pena. Lembremos sempre que, em educação, como disse Mário Sergio Cortella: *"precisamos insistir, repartir e não desistir"*.

Abraços,
Grupo Deinf/Suped/SEMED



LEUSA DE MELO SECCHI
Idealização

JÉSSICA DA COSTA BRITO
JOYCE ALMEIDA DE SENA CARVALHO
Coordenação Editorial

VANESSA BULDE DE OLIVEIRA
Projeto e Realização Gráfica

JÉSSICA DA COSTA BRITO
VANESSA BULDE DE OLIVEIRA
Edição de Arte

ANA LUCIA DO ESPíRITO SANTO
ANA LÚCIA GASPARINI
JÉSSICA DA COSTA BRITO
JOYCE ALMEIDA DE SENA CARVALHO
LAURA SIMONE MARIM PUERTA
LEUSA DE MELO SECCHI
VANESSA BULDE DE OLIVEIRA
Conselho Editorial




PREFCG